

*Cresce o número de executivos que mantêm uma 'rota de fuga';*

*perfil de liderança pode ser a causa da queda*

---

O relacionamento entre a então gerente de recursos humanos E.P., 38, e a líder de outra área nunca havia sido muito bom. Alguns anos juntas não foram suficientes para reduzir a animosidade no ambiente profissional.

Inevitável, o confronto ocorreu num momento não muito oportuno: numa reunião entre os líderes da empresa. "A diretora da área tinha mais afinidade com a outra profissional", lembra.

Nem MBA nem os progressos na carreira \_que lhe renderam aumento salarial, tampouco a gravidez, foram suficientes para mantê-la no emprego.

"Há anos os consultores de recursos humanos dizem que desenvolvimento profissional e empregabilidade são importantes. Mas nada falam sobre 'jogo de cintura' e ser político", contesta.

Com a demissão, E.P. viu-se obrigada a antecipar o antigo projeto de ter sua própria consultoria. E, assim como ela, muitos profissionais estão mais atentos ao vai-e-vem do mercado de trabalho e já buscam uma saída de emergência em caso de demissão.

Segundo a pesquisa da Lens & Minarelli, em 2002, 33% dos executivos demitidos tinham algum "plano B" nessas situações. Em 2003, o percentual subiu para 40% e atingiu 47% em 2004.

Em vez de investir em um novo emprego como executivo, quando foi afastado do cargo de gerente-geral para a América do Sul de uma empresa de TI (tecnologia da informação), Alexandre Cagnoni, 33, viu na demissão uma oportunidade para desengavetar o projeto de ter seu próprio negócio.

"Eu já sabia que era um cargo de risco quando assumi", lembra. "A carreira de executivo é muito competitiva. É preciso ter muita criatividade e estratégia."

Há dois anos, fundou a UserID, empresa na área de segurança da informação. "Não me arrependo de ter aceitado o cargo. Houve aprendizado e 'networking'", diz.

## **PERFIS**

Não bastam conhecimento e boa estratégia para segurar a posição. Segundo consultores, líderes são reconhecidos por quatro características comuns: integridade, capacidade de decisão, competência e visão de futuro.

Para David Dotlich e Peter Cairo, autores de "Por Que os CEOs Falham?" (editora Campus/Elsevier), os profissionais têm traços de personalidade que afetam seu estilo de liderança e que podem deixá-los na corda bamba.

Arrogantes, cautelosos, melodramáticos, temperamentais, céticos, reservados, passivos, excêntricos, perfeccionistas e obsequiosos são traços que, se evidenciados, colocam a carreira em risco.

A classificação tem sido utilizada por profissionais envolvidos com seleção de candidatos para escolher o executivo que mais se enquadra no perfil da empresa.

"Foi elaborado um teste com 168 questões que revela os principais problemas de comportamento, especialmente quando o profissional está sob tensão", explica Roberto Ramos, do Ateliê RH.

Segundo o psicólogo, a prova apresenta 85% de precisão. "Há casos em que é possível mudar o padrão de comportamento", acrescenta, ressaltando que a arrogância é o defeito mais comum entre os executivos. Os obsequiosos, profissionais que tentam a qualquer custo ter popularidade, são os menos freqüentes.

Se a demissão é certa, o consultor Paulo Camargo, da Scotwork, recomenda ao profissional criar uma situação que lhe permita parar para pensar. "Com mais tempo, dá para elaborar maneiras para negociar 'outplacement' e plano de saúde com o empregador."

O presidente da Gutemberg Consultoria, Gutemberg Macedo, aconselha a não deixar que medo, insegurança e incerteza afetem o dia-a-dia do profissional.

"A baixa auto-estima compromete a conquista de um novo emprego", explica. Para manter afastados os sentimentos negativos, é possível recorrer a livros, a amigos e a "atividades espirituais".

Contar com o apoio da família, construir um orçamento financeiro mais enxuto, elaborar um bom currículo e acionar a rede de contatos são outras dicas.

## FRASE

*Enquanto estão na empresa, os executivos vivem em uma bolha. Quando são demitidos, percebem que não sabem o que querem, não conhecem seus diferenciais competitivos. Muitos começam a beber e a usar drogas"*

Mariá Giuliese  
Diretora da Lens & Minarelli